

é, pois foi pela experiência que se chegou até aqui.

O *ser* e o *pensamento* unem-se, constituem um todo de contrários mas nos quais o *ser* é o originário e o *pensamento* é o derivado. O *pensamento* é uma forma de *ser* e daqui decorre a unidade da teoria da prática.

E' a *prática objectiva* que nos permite verificar a exactidão das nossas concepções. Os pensamentos, as idéas, os conceitos, são reflexos do mundo exterior, e o critério para se comprovar a verdade da realidade assim reflectida é o critério da prática. Embora o nosso conhecimento seja em determinado momento grosseiro, incompleto e imperfeito, «o certo é que êle reflete a realidade objectiva material aproximando-se da verdade absoluta» (4).

Incluído dêste modo o critério da prática na teoria do conhecimento, a «coisa em si» de Kant não tem razão de ser pois não se pode aceitar sèriamente uma essência secreta e incognoscível (essa «coisa em si») dado que «o objecto material emerge no processo de produção, dado que se reproduz na indústria» (5). «O desenvolvimento do processo produtivo muda no próprio momento os objectos de natureza material; onde primeiro êles eram desconhecidos e incognoscíveis tomam eventualmente forma e tornam-se conhecidos» (6). Como disse um autor célebre, *o que podemos fazer não podemos evidentemente apelar de incognoscível*. Claro que ao afirmar o primado da prática não se pretende monospresar o papel da teoria, da análise e conclusões teóricas. Se é exacto que «o conhecimento prático é mais elevado do que o teórico, porque tem não só a virtude da generalidade, mas também a da actualidade imediata» (7), não é menos certo

que isso não impõe a ignorância do importante papel da verificação teórica das várias conclusões lógicas.

Antes da concepção diamática que afirma, como temos visto, o papel primordial da prática na teoria do conhecimento, os filósofos procuravam o critério da verdade 'no próprio conhecimento, obliterando e mistificando o problema (o que não implica que o fizessem voluntariamente, note-se). «Para Descartes, o critério da verdade está na clareza e precisão das idéas; Kant vê-o no carácter universal e necessário do próprio conhecimento. A lógica matemática (Russel, Cantor, etc.) julga encontrar o critério da verdade na sucessão lógica formal das conclusões matemáticas» (8). Nenhum dêstes sistemas o procurou onde devia — no mundo exterior. «O conhecimento considerado um sistema abstracto de idéas, por mais claro que seja, não pode nunca ser um critério de objectividade».

A prática é a via de ligação entre o mundo exterior e o conhecimento, é ela que nos dá o critério da verdade, o critério do conhecimento.

Pode parecer estranho que durante tanto tempo grandes pensadores se tivessem mantido num êrro tão grave, como pode parecer mais espantoso ainda que haja actualmente filósofos e cientistas nesta mesma posição a dentro do problema epistemológico. Mas, por mais estranho que pareça, não é difícil compreendê-lo; e tentando-se discernir o fenómeno, vêr-se-á que a «chave» do «enigma» (?) está ainda no mundo sensível...

(1) Quando falamos em materialismo não nos referimos ao materialismo ingénuo, mecanicista dos fins do séc. XVIII e séc. XIX. Para conhecer as diversas acepções do termo pode-se consultar qualquer bom manual de filosofia ou vocabolária filosófico.

(2), (3), (4), (5), (6), (7) e (8) «A Textbook of Philosophy» — John Lewis — London.